

A IMPORTÂNCIA DA CORTESIA

É difícil hoje em dia entender a importância que a cortesia e todas as suas nuances têm para a nossa vida diária, não só na nossa cultura, como daquelas mais distantes e que evoluíram de uma forma tão alienígena para nós. Aquilo que para uns é boa educação, em outro local é motivo de profundo desagrado e sinal de falta de educação ou de sensibilidade.

Fui educado em tempos em que a etiqueta tinha uma importância social grande, como por exemplo, um homem, ou um jovem, colocava-se no lado de fora do passeio e a senhora, ou a pessoa de mais idade do lado de dentro. Outros tempos. Aquilo que hoje é um anacronismo ajudou-me a mim, e com certeza a outros a desenvolverem um espírito mais atento a detalhes, à subtileza dos momentos, ao entendimento que um sim pode ser um não, que um sorriso pode não ser um estado de satisfação, que saber calar quando se deve estar calado, falar quando é o momento apropriado para isso, são coisas não para complicar a vida das pessoas mas para possibilitarem, sem magoarem, saber-mos situar nos instantes e evitar mal entendidos.

Um mal entendido é sempre um factor de grandes perturbações se não for cortado no momento certo, porque ele baseia-se em algo defeituoso, e ao crescer não traz nada de bom. O que nasce torto, tarde ou nunca se endireita, diz o adágio popular.

Nos meus estudos clássicos de Artes Marciais fui ensinado que numa escola clássica japonesa, nomeadamente naquilo que se designa por Koryu, nada acontece por acaso e que a atenção constante e a reflexão sobre o que acontece é determinante para um processo de acção adequado às situações. Hoje não é fácil manter vivo este estado de espírito, esta maneira de ser porque tudo de “simplificou”. É cansativo estar sempre atento, sempre a reflectir, a equacionar e corrigir. Quem quer hoje cansar-se? O esforço, na minha opinião é o cimento que dá força à estrutura do carácter de cada um.

Todos somos passíveis de erro, mas a ignorância, em qualquer área, não pode ser justificativo para ficarmos satisfeitos com o que se passou de errado. Não deve haver intolerância com o erro mas uma posição justa.

Na forma de saudação típica do Reigi japonês, Ojigi encontramos três variantes de inclinação, cada uma delas mais profunda que a outra, tornando-se adaptadas às importâncias das relações e dos momentos em que estamos - eshaku, keirei, saikeirei. Conforme o momento social a posição dos braços variam, conforme o sexo da pessoa, e mesmo conforme o contexto cultural e posição física. Eu aprendi com designações diferentes - aisatsu, osatsu, isatu, asatsu, ou kirei, kiza ou dogeza.

Tudo começa com uma saudação e esse momento não deve nunca ser visto de uma forma, transitória, pois mesmo numa relação de amizade ou de maior proximidade afectiva, a cortesia, o respeito e a relação institucional e os seus mecanismos de acção devem ser mantidos no tempo.



Numa Escola de Artes Marcial de raízes Koryu, não existe democracia. O respeito é fundamental mas não cabe na cabeça de ninguém impor a que está a dirigir, condições. Se aderimos a uma tradição devemos saber que os princípios são o que dão alma à prática. O resto é paisagem.

Sejamos sempre, mas sempre corteses e atentos aos nossos desvios, e que a cortesia comece no nosso coração, não na forma exterior e vazia de ser.

Ser cortês de coração, e em todo o momento, é prova de um trabalho interior difícil.

Cuidado com a cortesia hipócrita, que escondendo-se nas boas maneiras mais não quer que manipular, e lembra sorriso de político em vésperas de eleição.

Lisboa, 5 de Setembro de 2013